



## Feminismos populares: as bruxas necessárias nos tempos de cólera<sup>1</sup>

Claudia Korol<sup>2</sup>

Os feminismos populares se espalharam pela América Latina e abrangem uma ampla gama de movimentos de base que interagem com movimentos de mulheres que não necessariamente se definem como feministas e participam de organizações populares mistas. Do feminismo indígena, negro ou nos movimentos de bairro latino-americanos, emergem demandas crescentes de des-patriarcalização, desenvolve-se uma pedagogia feminista renovada e se questionam as hierarquias das organizações de esquerda.

Apesar da ofensiva conservadora que comove esses tempos, devastando as conquistas dos povos, espalhando raiva e fúria nos corações, existe um clã<sup>3</sup> subterrâneo, um movimento de consciência histórica que cresce, se "encorpa" a partir da memória, e muda – nos muda – a vida cotidiana. Refiro-me à irrupção, na política, de coletivos de ação, pensamentos, sentimentos, sonhos, que assumimos o feminismo como uma proposta que desafia as múltiplas opressões produzidas pelo capitalismo colonial e patriarcal. Feminismos indígenas, camponeses, de bairros populares, de trabalhadoras de duplas e triplas jornadas. Feminismos de sujeitas não assujeitadas, que respondemos coletivamente aos desafios da sobrevivência e vamos tornando realidade a proposta uma: "mexeu com uma, mexeu com todas".

### O mapa político de nossos feminismos

Historicamente, existem correntes de feminismo que mantiveram fortes laços com os movimentos operários, incluindo os anarquistas, socialistas e comunistas do início do século XX, e também feministas que desenvolveram seu ativismo em organizações populares ao longo dos séculos XX e XXI, participaram do movimento de direitos humanos que enfrentou as ditaduras, refundaram lutas democráticas integrando os direitos das mulheres, contribuíram para a organização de vítimas de prostituição e tráfico, estão envolvidas na busca de meninas, adolescentes e mulheres desaparecidas e regimes democráticos, acompanham mulheres que sofrem violência em suas

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado como *Feminismos populares: Las brujas necesarias en los tiempos de cólera*, na revista *Nueva Sociedad* 265, Sep-Oct 2016. Traduzido por Sophia Branco, Malu Oliveira e Bibiana Serpa para a Campanha Educativa "Feminismo com quem tá chegando", realizada pela Universidade Livre Feminista, em 2020. O texto original pode ser encontrado em: <http://library.fes.de/pdf-files/nuso/nuso-265.pdf>.

<sup>2</sup> Claudia Korol é educadora popular feminista. É membro da Equipe de Educação Popular Pañuelos em Rebelión, Argentina. Junto com Liliana Daunes, apresenta o programa de rádio *Espejos Still*, da FM La Tribu. Coordena o projeto de pesquisa "Resistência Popular à Recolonização do Continente", do Centro de Pesquisa e Formação de Movimentos Sociais Latino-Americanos.

<sup>3</sup> Em espanhol a autora usa o termo "aquejarre", que se refere a um grupo de bruxas e bruxos que se reúnem para a prática da magia.



famílias, meninas e meninos que sofreram abusos sexuais, mulheres que denunciam a violência sexual como crimes dos estados terroristas, etc. Mas foi nas últimas décadas que as experiências que genericamente chamamos de "feminismos populares" se tornaram visíveis. São coletivos feministas, espaços de mulheres e/ou LGBTTI, que em alguns casos fazem parte de organizações mistas, em outros não, mas que concordam sobre a necessidade de não estabelecer hierarquias entre as diferentes opressões e evitar caracterizar as lutas como "principais" e "secundárias" – como a esquerda tradicional classificava – para organizar suas ações.

As feministas populares assumimos que, no sistema capitalista patriarcal e colonial, as diferentes formas de dominação e disciplinamento de corpos, territórios, comunidades e da natureza, das quais somos parte, se reforçam mutuamente, e que cada conquista em uma perspectiva emancipatória corrói pilares do sistema, na medida em que contribui para a criação de subjetividades – individuais e sociais – autônomas, capazes de imaginar um mundo diferente, e de criá-lo. Na Argentina, existe um antecedente inquestionável desses feminismos populares: o das assembleias de mulheres piqueteiras<sup>4</sup>, que aconteciam no dia 26 de cada mês, na ponte Pueyrredón, desde 26 de junho de 2002, quando a polícia assassinou Darío Santillán e Maximiliano Kosteki na estação Avellaneda (hoje rebatizada de "Darío y Maxi")<sup>5</sup>.

Na ponte Pueyrredón, onde se reivindicava justiça por Darío e Maxi, as mulheres falaram em assembleia sobre os temas que as preocupavam, reconhecendo suas necessidades, seus problemas, as dificuldades de suas organizações. Esse processo – impulsionado por algumas colegas feministas que vieram de experiências anteriores e "fizeram escola" nos movimentos – revolucionou o lugar das mulheres piqueteiras nas suas casas, nas ruas e na história. A Frente Popular Darío Santillán abriu caminhos nesta direção ao estabelecer o Espaço das Mulheres, que posteriormente possibilitou que toda a organização se assumisse como "antipatriarcal", além de "anticapitalista" e "anti-imperialista". Esse caminho também foi percorrido por outras organizações sociais e políticas e, ao longo desta marcha, esses grupos de mulheres e diversidades sexuais fomos nos encontramos em um processo de formação feminista realizado coletivamente, com encontros repletos de debates, paixões, risos e trocas que ainda permanecemos compartilhando.

Outro afluente do feminismo popular foi o colapso dos modos de fazer política, gerado a partir de 19 e 20 de dezembro de 2001. Nesse contexto de rebeliões, nasceram várias coletivas feministas, articuladas como "Feministas Inconvenientes", em um espaço onde participávamos mulheres, lésbicas, travestis e trans, no qual pensamos um feminismo com raízes no continente, mestiço, descolonizante, anticapitalista, autônomo, de ação direta, integrado às lutas populares. Os

---

<sup>4</sup> Na Argentina, se dá o nome de movimento piqueteiro ao movimento de trabalhadores desempregados [Nota das tradutoras].

<sup>5</sup> Santillán e Kosteki eram membros do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) e participaram de mobilizações sociais durante a crise de 2001 [Nota do editor na publicação original].



sucessivos Encontros Nacionais de Mulheres realizados na Argentina permitiram que nos “emaranhássemos” com outras feministas e organizações de mulheres, lésbicas, travestis e trans e levantássemos temas comuns para nossas ações. No marco desses encontros, nos autoconvocamos nas mesas das “Feministas Latino-americanas em Resistência”, que tiveram um primeiro impulso com a presença da ex-senadora colombiana Piedad Córdoba, no 23º Encontro Nacional de Mulheres, realizado na província de Neuquén, em agosto de 2008, e ganharam força com o golpe em Honduras, em junho de 2009, com o exemplo das Feministas em Resistência daquele país, que criaram o incisivo *slogan*: “Nem golpes de Estado, nem golpes às mulheres”.

As feministas indígenas dos povos de Abya Yala, as feministas comunitárias da Guatemala e da Bolívia e as feministas camponesas deram aulas de radicalismo teórico e prático, com um feminismo que confronta diretamente as transnacionais, as políticas extrativistas e a violência dos narcoestados. Ativistas como Berta Cáceres, do Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras (Copinh), Miriam Miranda, da Organização Fraternal Negra de Honduras (Ofraneh), Bety Cariño, do Centro de Apoio Comunitário Trabalhando Unidos (Cactus), de Oaxaca, México, Blanca Chancosa, da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), as mulheres zapatistas de Chiapas, entre outras experiências significativas, ensinaram aos feminismos populares que não se trata apenas de “despatriarcalizar” no quadro das lutas anticapitalistas, mas também de descolonizar nossas vidas.

As mulheres da Coordenadoria Latino-americana de Organizações Rurais (Cloc) e da Via Campesina Internacional vêm criando um feminismo camponês, que tem entre os eixos centrais o cuidado com as sementes nativas, a luta pela soberania alimentar e pela reforma agrária abrangente e contra a violência patriarcal. Superando a lacuna que existia há algumas décadas entre as organizações camponesas e as feministas, hoje as mulheres da Via Campesina dizem que “sem feminismo não há socialismo”. Assim, elas desafiam as ideias patriarcais em suas organizações, que pensam que as lutas das mulheres “dividem” o movimento, ou que as revoluções socialistas devem primeiro ser realizadas para transformar as relações de gênero depois. Também desafiam as correntes feministas que consideram que as demandas das mulheres se limitam a uma agenda consensual e financiada de integração ao sistema, o que legitima explorações estruturais do capitalismo colonial patriarcal ocidental.

Por sua vez, as feministas negras trazem visões descolonizadoras e denunciam como as opressões de raça, classe e gênero se combinam. Destacam que as propostas políticas do feminismo colonizado e colonizador não as representam, porque suas necessidades básicas e as demandas de sobrevivência de seus povos não são as mesmas. Feministas negras e indígenas se encontram em permanente tensão, por fazerem parte de comunidades criminalizadas pelo poder capitalista, sustentando uma difícil batalha para que as lutas antipatriarcais não sejam funcionais à



lógica de judicialização e estigmatização dos Estados que segregam e perseguem seus povos. No entanto, elas estão cientes de que dentro de suas comunidades também existem relações de poder opressoras, que tornam as mulheres oprimidas entre os oprimidos. A contribuição das feministas comunitárias é muito importante e esclarecedora para desvendar esses conflitos. Elas têm conceituado as dimensões do território do corpo e do território terra, e o que denominam de "junção patriarcal", que explica como o patriarcado originário das comunidades foi reforçado pelo pacto imposto nos processos de colonização pelo patriarcado ocidental. Há debates entre as mulheres indígenas sobre a pressão exercida a partir dessa junção patriarcal, que postula que a emancipação das mulheres constitui uma ameaça à unidade na luta das comunidades. As visões de mundo de alguns povos enfatizam a "complementaridade" entre homens e mulheres, apontando que estas eram relações de equilíbrio, até que foram rompidas pelo colonialismo. Estes discursos afirmam que denunciar as desigualdades existentes nessas relações reforça, mais uma vez, as políticas colonizadoras e fragiliza estes povos. Aparece, dessa forma, uma crítica ao feminismo, tratado como um pensamento político alheio ao continente, ignorando que são as próprias mulheres indígenas que assumiram as lutas pelos seus direitos como mulheres, embora continuem na linha da frente das lutas das suas comunidades pela vida, pelos territórios e pelo conjunto dos direitos culturais, econômicos, sociais e políticos de seus povos.

Outra corrente que converge nas experiências do feminismo popular é a dos coletivos feministas que, no marco de processos que traçam horizontes socialistas na Venezuela e na Bolívia, voltaram a trazer questões como as relações dos movimentos com o Estado, a abrangência e os limites da autonomia nos processos de transformação e a contribuição das mulheres para as revoluções. As feministas bolivarianas têm o imenso desafio de fazer parte da defesa da revolução e, ao mesmo tempo, de lutar contra as lógicas profundamente patriarcais, burocráticas, de cima para baixo e autoritárias pelas quais passam muitas das organizações e movimentos que a apoiam. Trata-se de feminismos que fazem e defendem, cuidam e criticam, que fazem parte e questionam os processos de mudança a partir de perspectivas antipatriarcais. Feminismos que surgem de nossos territórios corpos e territórios terras, e revolucionam as revoluções ganhas e perdidas. Feminismos em revolução.

### **Os corpos dos feminismos populares**

Nos feminismos populares, há pouca distância entre palavras e ações, e as práticas estão se movendo mais rapidamente do que as teorias. Temos a força de nosso ativismo e a fragilidade dos processos de sistematização das práticas e de seu aprendizado, que são sempre relegados por priorizarem às "urgências" que nos "matam". Porque, em tempos conservadores, aumentam a



violência contra as mulheres e o feminicídio e as urgências tornam nossas vidas mais vulneráveis. Porque os Estados não cumprem com as tarefas de cuidados que deveriam assumir.

Assim, os feminismos populares vão lentamente amoldando-se ao fogo, pelas mãos das mulheres trabalhadoras. Mãos que recebem e se aconchegam, semeiam, cozinham, martelam, cultivam, escrevem, acariciam, pintam, bordam, limpam, curam, sustentam, impulsionam, brincam. Nossos pés pisam nas pegadas desenhadas no chão por nossos antepassados, e às vezes eles inventam atalhos. Às vezes, nossos pés não andam... eles dançam as muitas revoluções imaginadas que são recriadas a partir do desejo, do prazer, da alegria da luta lado a lado com as outras, uns com os outros, outros. Revoluções que em suas rotações descolonizam, despatriarcalizam, desmercantilizam nossas danças e andanças. Enquanto nossos pés correm, nossos corpos socorrem. Lá estamos nós, ao lado da menina que sofre violência no namoro, a menina que precisa interromper sua gravidez, a mulher que sofre violência de seu parceiro ou seus filhos que são pegos pelas redes de tráfico de drogas.

Nossos corpos de mulheres, lésbicas, trans, dissidentes do patriarcado e da heteronormatividade guardam a memória de nossos ancestrais indígenas, negras, mestiças e migrantes. Nos diversos nascimentos que acompanhamos, somos parteiras e parturientes, nos conhecemos com diferentes idades, histórias variadas, que são feitas em um tecido comunitário, com fios que, desta vez, transbordam, com as tonalidades da terra, dos rios, das florestas e de nossas paisagens subversivas.

Os corpos dissidentes têm mudado nossa maneira de estar no mundo. As feministas lésbicas têm problematizado os feminismos, propondo debates sobre temas tão centrais para a vida cotidiana como o amor, a liberdade, o desejo, a maternidade. Algumas coletivas lésbicas não se identificam com a identidade de mulher, que as caracterizam como parte do binômio hegemônico heteronormativo. As ativistas travestis, bissexuais, trans e intersex também fazem parte destes processos críticos, que enriquecem as perspectivas do feminismo popular, ajudando-nos a repensar as conceitualizações dos feminismos que reproduzem as lógicas binárias da heteronormatividade.

### **Os feminismos populares e os movimentos de mulheres**

Os feminismos populares nasceram do movimento de mulheres, eles o desafiam, o seduzem e o questionam. Eles fazem política baseada fundamentalmente no acompanhamento e na pedagogia, contribuindo para pensar sobre as opressões não a partir da vitimização, mas sim buscando poder e energia para enfrentá-las. O acompanhar, colocar o corpo cria laços vitais entre companheiras e coletivas feministas e com as mulheres que fazem parte dos movimentos, muitas das quais não são reconhecidas no feminismo. O patriarcado semeia preconceitos para distanciar as



mulheres das experiências feministas e, para superá-los, é necessária uma prática intensa conjunta para quebrar mitos sobrepostos como aqueles de que "o feminismo é uma política de ódio aos homens", que "as feministas são todas lésbicas", que "o feminismo divide as famílias e as organizações". Há também preconceitos nas correntes esquerdistas, que em nome da ortodoxia marxista consideram o feminismo como um "desvio do pequeno-burguês" da centralidade da luta de classes. Nós feministas populares acreditamos que, pelo contrário, a luta de classes se fortalece quando a classe trabalhadora assume sua participação nas batalhas contra o patriarcado e o colonialismo.

A pedagogia do feminismo popular propõe uma epistemologia do diálogo de saberes, de pensar nossas práticas, de andar na palavra, de corpos colocados na luta da ação emancipatória.

### **Um feminismo semeado nos movimentos populares**

As sementes com as quais multiplicamos nossos brotos foram semeadas nas comunidades das quais fazemos parte. Fazer parte de movimentos populares mistos criou tensões que nos obrigam a discutir repetidamente as formas de mudar o mundo. Descobrimos quão velhos são os "novos homens", quão patriarcais são nossos feminismos, quanta reprodução de opressão existe em nossas organizações revolucionárias. A descoberta do machismo em nossas casas, em nossos movimentos, fez com que os camaradas masculinos começassem a questionar seus privilégios.

O fato de algumas organizações mistas se definirem como antipatriarcais requer uma pedagogia ativa que ajude a adequar as definições ideológicas às práticas cotidianas. O pacto patriarcal dificulta a transformação dos movimentos em espaços de vida para mulheres e das dissidências sexuais. A homofobia faz parte da cultura da esquerda, embora esta também esteja vacilando, devido aos avanços do movimento LGBTQTTI e sua participação nestes movimentos populares. Como parte dos projetos políticos rebeldes e revolucionários dos que estão na base, localizamos a vida cotidiana como um território no qual a "estratégia revolucionária" é implantada, que busca, precisamente, transformar a vida cotidiana.

### **Quando o pessoal é político**

"O pessoal é político", nós feministas dizemos. Isto apela para as dimensões pedagógicas e culturais das revoluções. Transformar os elos – saindo do "cada um por si" para alcançar o "vamos juntos", deixando o "ordeno-comando-obedeço" para chegar ao "decidimos juntas e fazemos juntas" – é uma tarefa gigantesca que vai contra o que foi aprendido como hierarquias, critérios de autoridade,



nos limites estabelecidos com base na estupefação produzida pelos meios de comunicação de massa, pelo sistema educacional tradicional, pela coerção social e pela repressão.

Embora a luta socialista tenha se proposto a criar novos valores, coerentes com uma ideologia baseada na solidariedade, permanece em muitas experiências uma cultura verticalizada, autoritária, caudilhistas, hegemônica, individualista, que reproduz modos de vinculação típicos do capitalismo colonizado e patriarcal. E isto tem sido favorecido por uma crítica ao capitalismo centrada na economia e nos modos de produção de *commodities*, de mais-valia, de riqueza, sem analisar a forma como a totalidade da vida é criada. O feminismo propôs superar a dicotomia entre a produção de bens e a reprodução da vida, o que permite valorizar a importância da contribuição das mulheres nas tarefas de cuidado e também abre a oportunidade de distribuir de forma equitativa essas tarefas. O trabalho não remunerado das mulheres na criação e cuidado de crianças, jovens, adultos e idosos faz parte do modelo familiar patriarcal, que, além de não valorizá-lo e neutralizá-lo, subestima a contribuição das mulheres para a vida social. Isto se repete quando se trata da distribuição de papéis em organizações. As mulheres estão encarregadas da cozinha, dos registros, da sopa dos pobres ou da horta, dos círculos de cuidado infantil, das tarefas educacionais. É mais difícil encontrar mulheres nos lugares de tomada de decisão e representação política, embora pouco a pouco a consciência esteja crescendo e espaços estejam sendo abertos, em alguns casos energeticamente e, em outros, aceitando o "politicamente correto", mas sem criar condições reais suficientes para que isso não signifique um grande sacrifício para as companheiras. Modificar estas situações não está apenas relacionado à possibilidade de gerar laços mais agradáveis entre aqueles de nós que estão lutando para forjar um novo mundo, mas também à oportunidade de criar movimentos que antecipam a experiência de outras formas de relacionamento, e à percepção de que a criação deste novo mundo exige uma profunda transformação da cultura violenta do poder. Porque a ordem vertical e autoritária é reconfortante para aqueles acima, mas também para aqueles abaixo. É mais fácil cumprir as diretrizes, ser disciplinado, do que se rebelar contra a arbitrariedade e problematizar as injustiças que reproduzimos. Por esta razão, a pedagogia feminista assume a dimensão grupal como uma necessidade básica, de modo que a dor produzida pelo desaprender das opressões possa ser compartilhada e sustentada nos coletivos.

Na interpelação mútua da teoria e da prática, é fundamental que diferentes modos de abordagem do conhecimento sejam postos em jogo, e que, junto com a racionalidade, tão colonizada pelos processos educativos e comunicativos hegemônicos, a afetividade, os sentimentos, as intuições e os sentidos também estejam presentes. A pedagogia feminista recupera questões centrais da educação popular, como o lugar do corpo no processo educacional, a dimensão lúdica, e recorre às contribuições da educação através da arte, do psicodrama, do teatro do oprimido, da dança, do canto



e do diálogo a partir de diversas perspectivas ideológicas emancipatórias (marxismo, ecofeminismo, teologia feminista, feminismos negros, feminismos indígenas, feminismos lésbicos, etc.).

Com estas abordagens, investigamos a realidade. Há também um diálogo intergeracional que nos ajuda a pensar que os traços que deixamos para trás criam novas possibilidades para os coletivos mais jovens, para identificar suas próprias formas de estar no mundo. Ao mesmo tempo, problematizamos as práticas históricas das feministas, que são atravessadas por lógicas de fragmentação que percorrem todos os coletivos e movimentos populares. Isto nos obriga a nos perguntarmos repetidamente qual é o sujeito que precisa ser constituído para que transformações revolucionárias sejam possíveis, e até que ponto exacerbamos as diferenças e as transformamos em barreiras inexpugnáveis, enfraquecendo nossas possibilidades concretas de transformações necessárias.

### **Reflexões deste tempo**

Os retrocessos vividos em nossos países nos obrigam a olhar criticamente para nós mesmas e a assumir a responsabilidade por erros que podem nos levar a perder conquistas e realizações, não de um governo ou de um partido, mas do movimento popular. É necessário que este retrocesso não seja ampliado pela reprodução destas mesmas fragmentações em um contexto de perda de direitos e perturbação reacionária do imaginário cultural de nossos povos. É importante analisar o quanto há, em algumas das fragmentações produzidas nos movimentos populares, de práticas patriarcais, hegemonismos, lutas por lideranças colocadas acima do interesse coletivo, autoritarismos e, até mesmo, violência. Os momentos de contra-revolução, de conservadorismo, embora possam favorecer ações comuns de um plano de luta, são também momentos de fechamento sectário, pois se coloca a existência de um inimigo visível, grande e poderoso, o que nos obrigaria a deixar os processos de autotransformação pendentes para tempos mais agradáveis.

No entanto, o desafio é exatamente o oposto. Abrir nossos espaços ao encontro, ao apoio, ao diálogo, a uma melhor compreensão dos caminhos que estamos buscando, recriando uma pedagogia de abraço, de alegria, de ternura. O desastre neoliberal regressivo nos força a recuperar as experiências de solidariedade de sobrevivência. Voltar à mesa popular, mas não apenas para atender à necessidade de alimentos, mas também para pensar em experiências de soberania alimentar. Cuidando para que o que colocamos no panela sejam produtos de nossos jardins coletivos, onde não haja venenos ou transgênicos. Retorno ao trabalho coletivo e criativo, sem padrões, sem reproduzir modelos de de ordem hierárquicos e autoritários. Voltar às ruas, tornando a autonomia dos corpos e das organizações como uma parte essencial de nossa experiência... aprendendo a caminhar juntas, na direção de nossos sonhos.





Trata-se de feminismo popular em movimento, em movimentos, que caminham com a palavra verdadeira, que enxergam a pegada, que plantam uma semente nela, que desenham o horizonte quando não o vêem, que contam histórias de bruxas que não assustam as mulheres mas nos dão força e nos ensinam seus segredos. Sejamos companheiros nestes tempos de desencanto e porradas, que fazem da esperança não uma ilusão mágica, mas uma ação coletiva que tende a revolucionar as subjetividades esmagadas pelas derrotas. Feminismos com memória, aprendemos com as Mães da Praça de Maio que "a única luta que se perde é aquela que se abandona". Feminismos que ousam fazer das muitas maneiras de amar e ser amados lugares políticos, corpos dissidentes, rebeldes, celebrativos, que não dissociam desejo e felicidade da luta diária para mudar o mundo.